

CONCEITO DE MUDANÇA CULTURAL

ARMANDO CORREA DA SILVA
Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

A Antropologia clássica distingue os conceitos de civilização e cultura. Pode-se distinguir também a cultura material e a cultura não material. Ainda, pode-se estabelecer uma diferença entre cultura popular e cultura de massas.

Neste texto quero tratar, não entanto, do fenômeno da mudança cultural, ou seja de alterações na sensibilidade e nos valores.

Não se trata também de fazer uma incursão no passado remoto, mas de referir-me apenas à questão da condição pós-moderna, em particular ao pós-modernismo.

Considerando que este último já possui uma história de 30 anos, história essa que não está escrita, como estabelecer uma referência confiável?

Um sintoma de que está havendo uma mudança novamente é a inflexão do pós que denomino pós-vanguarda e pós-vanguardismo, resultado do mal estar denunciado por Rouanet e Ann Kaplan, recentemente.

Então, devo perguntar, inicialmente, o por que dessas mudanças, dando como natural o fluxo do tempo decorrido entre uma inovação e seus desdobramentos.

E inevitável a referência a ser feita à globalização, mundialização e fragmentação como pano de fundo da mudança cultural, ou como refere Milton Santos à aceleração contemporânea, ocorrida a partir dos anos 80.

Mas, a mudança cultural, além de desigual, no que se refere ao que ocorre com a mente das pessoas, desenvolve-se de modo lento, pois o cérebro humano não acompanha as mudanças de modo uniforme.

Ao contrário de mudanças ocorridas no período do modernismo, tudo se passa agora como se estivesse havendo uma mudança de sensibilidade, ocasionada pela dessubstancialização do sujeito e da razão.

E o mesmo que dizer que está ocorrendo uma desvalorização de valores, que atingem o eterno e imutável nas pessoas.

O que significa isso?

Ao que parece, ocorre um aumento da indeterminação que afeta as escolhas e, com isso, os graus de liberdade possíveis.

Como argumenta Habermas, isto é resultado das teorias neo-conservadoras ou das teorias anarquistas, que rompem radicalmente com a modernidade?

Como a sensibilidade e os valores relacionam-se primordialmente com as artes, o cinema, a arquitetura e todas as manifestações estéticas, a ruptura vai dar-se preferentemente ao nível das representações, liberando o artista dos padrões estabelecidos, num processo em que a

velocidade das mudanças e dos processos de modificações materiais incitam, através da competição, acirrada pela mídia um comportamento liberto de regras. o que parece interessar ao sistema ao nível do consumo, não do novo, mas da novidade, ou seja, da moda.

Para acompanhar essa rapidez, a sensibilidade se torna mais aguda e os valores mais flexíveis, afetando os elementos que unem as pessoas ao lugar, transformado em mero sustentáculo do imponderável.

Em vista disso, a mudança cultural pode ser considerada um processo de alteração de hábitos, costumes, padrões, preferências, escolhas, direcionamentos, condutas, etc., que estão ligadas a uma criatividade não mais estimulada apenas por uma teleologia, mas consistindo num modo de por-se o futuro sem objetivos, ou seja, o experienciar o tempo e o espaço tornam-se rotinas, como no comportamento das crianças, quando não estão sobre a repressão dos adultos, seguindo-se, então, uma seqüência de jogo em que os estímulos partem de programas destinados a um treinamento dos sentidos e do ver, olhar, sentir, observar.

A mudança cultural em Geografia implica em considerar o espaço subjetivo, ou seja, o espaço da imaginação, desligada de pressupostos, como no caso da mente vazia. E como traçar um mapa mental aleatório, como nos desenhos e pinturas de Miró.

O pós-vanguardismo só pode ser, então, a expressão do fim da arte como forma de cultura padronizada. As instalações já são um exemplo disso.

Mas, o que vem depois da mudança cultural, numa época em que parece que não se precisa mais de nada além da curiosidade do senso comum?

A primeira referência a esse tema encontra-se em minha Tese de Doutorado, datada de 1974 e publicada pelo Instituto de Geografia do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Na época, já preocupado com questões de Teoria do Conhecimento em Geografia, buscava, então, uma solução para o que seria o modo de pensar do geógrafo. A análise descritiva que, naquela ocasião, fiz de uma pequena porção do território paulista, o chamado litoral norte de São Paulo, trabalho exaustivamente empírico, realizou, por consequência a elaboração da teoria correspondente, o que elaborei depois com o título de "Uma Proposição Teórica em Geografia", publicado pelo mesmo Instituto e, mais tarde, pela revista Contexto, com o título "A Explicação Teórica em Geografia".

Na tese procurei, genericamente, uma explicação para o que seria a formação de uma região periférica dentro de um espaço país, resultando daí a identificação de um problema e sua respectiva dissertação teórica.

Vindo para a Geografia oriundo de um curso de Ciências Sociais, realizado de 1960 a 1963, pela mesma